

O(A) PROFESSOR(A) E GEÓGRAFO(A) COMO TRADUTIBILIDADE, DO LADO DE CÁ, DO(A) INTELLECTUAL ORGÂNICO(A)

Cristiano Pereira da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho foi organizado para ser apresentado no XXXVIII EEG “Debatendo alternativas de/ao desenvolvimento no RS: educação, ambiente e território a partir das geo-grafias”, realizado em Rio Grande (entre 27 e 29/09/2024), e orientado ao/pelo formato do EDP, do qual participei como apresentador e ouvinte e, por isto, abrangeu o contexto que compreende o período entre os anos de 2012 até os dias atuais. Em função disto, o artigo será dividido em duas partes indissociáveis: a primeira compreendendo o contexto histórico que me levou ao desenvolvimento do Projeto do “Coworking Sandro Inácio”, na EEEM IDH – Porto Alegre/RS (POA/RS) (de 2019 até início de 2023), pois imante a uma práxis que se soma a essas geo-grafias tematizadas e debatidas pelo/no EEG – por nós geógrafos(as) – comprometidos(as) com o desenvolvimento do RS e; a segunda, versando sobre o desdobramento desta práxis na escolha do tema do doutorado cujo título provisório é “INTELLECTUAIS ORGÂNICOS VERSUS O BRASIL DISTORCIDO: por uma tradutibilidade, do lado de cá, do ‘vir a ser’ de um projeto nacional-popular” em que estamos pesquisando a relação entre o papel ou função dos(as) intelectuais e as “novas” formas-conteúdo responsáveis pelas práxis invertidas do Brasil distorcido *versus* sua superação.

Palavras-chave: Milton Santos; Antônio Gramsci; Think Tanks neoliberais; Intelectuais Orgânicos e; Educação das Massas.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho que foi pensado, organizado e apresentado no XXXVIII EEG - RS (2024) atendeu a dois objetivos imanentes, ou seja, só acolheu ao tema de debater alternativas de/ao desenvolvimento do Rio Grande do Sul (RS) e ao formato do Espaço de Diálogos e Práticas (EDPs) porque, por um lado, nossa formação como Licenciado, Bacharel e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) nos possibilitou o necessário embasamento teórico-metodológico para tanto e, por outro, devido ao fato de nossa origem geográfica (sul do RS) ter sido marcada por uma experiência de escassez, típica de quem nasce do ventre de uma classe popular. Em função disto, orientamos toda a nossa práxis docente (entre 2012 até os dias atuais) e, destas, com a escolha do tema de pesquisa do doutorado em Geografia (iniciado em

¹ Professor de Geografia na EJA em Florianópolis/SC e doutorando em geografia pelo programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina.

2023), sobre a indissociabilidade entre epistemologia e existência ou Geografia e cidadania e ou entre ciência e vida ou Filosofia e Práxis (Santos, 1996; Gramsci, 2022).

Assim, desde 2012, nossas filiações teórico-metodológicas se afinaram à vida e obra de Milton Santos, Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Antônio Gramsci etc. Daí o porquê apresentamos nosso trabalho no EDP de forma indissociável entre nossa experiência de vida e filiações teórico-metodológicas com essas escolas e autores(as) do campo crítico-emancipatório, pois permitiram relacionar ciência e vida e – dado o contexto histórico de submissão da vida pela ditadura do capital –, também, de desenvolvimento como revolução. Por esta razão, dividiremos o artigo em duas partes: a primeira e a segunda tratando dessas geo-grafias comprometidas com as alternativas de desenvolvimento do/no RS e; a terceira, com o desdobramento desta Geografia da Práxis na forma de um doutorado em que estamos problematizando o “*vir a ser*” necessário a subversão das práxis invertidas que mantém e aprofundam o Brasil distorcido.

A primeira tratando das minhas experiências na educação popular no 3º setor¹ enquanto um geógrafo educador de orientação freiriana. Pois, essa primeira experiência profissional docente partiu de uma escolha consciente, cuja origem remonta a minha historicidade e consequente “*geo-grafias*” de classe. Assim, pela relação entre razão e emoção, minha identificação intelectual com esse perfil de educandos(as) e dos(as) educadores(as) não tinha como não ser orgânica.

A segunda parte, tratando das minhas experiências no magistério gaúcho (privado-celetista e público via contrato emergencial), enquanto professor de Geografia (entre 2016 e 2020), em escolas localizadas na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) e na capital gaúcha. Nesta fase refinei alguns dos projetos educativos (no ensino fundamental, médio e EJA) orientados pela vida e obras de Aziz Ab’Saber, Ruy Moreira, Paulo Freire, Dermival Saviani, Darcy Ribeiro etc. mas, sobretudo, por Milton Santos e Antônio Gramsci. Assim, inspirado por estes intelectuais orgânicos, construí um Espaço Geográfico Pedagógico (EGP) na Escola Estadual de Ensino Médio (EEEM) Infante Dom

¹ Educador Popular na Associação das Creches Beneficentes do RS (ACBERGS); Educador Popular na Mitra da Arquidiocese de POA-RS, instituição civil ou organização social civil (OSC) da Igreja Católica e; no O CAMP - Centro de Assessoria Multiprofissional (CAMP) que é uma organização não governamental (ONG) de POA-RS que atua na mobilização e organização social através da educação cidadã (capacitação, formação de lideranças populares), na produção de pesquisas e sistematizações de conhecimentos que promovem a garantia dos direitos políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais a partir das referências de um desenvolvimento local sustentável.

Henrique (IDH), localizada no bairro Menino Deus (POA/RS). Este EGP foi orientado por uma interpretação ou tradutibilidade da Geografia Crítica miltoniana do princípio educativo da Escola unitária gramsciana (entre 2019 e 2020), como alternativa à 3ª versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC do ensino fundamental) e ao “novo” Ensino Médio (NEM), pois foram reformas aprovadas logo após o golpe do *impeachment* (de 2016). Ou seja, a dimensão “educativa” a despeito da vontade da maioria dos(as) professores(as) do RS e do Brasil de mais outra Revolução Passiva transplantada pelo conluio da classe dominante do lado de cá com as do lado de lá.

A terceira parte, tratando dos primeiros anos da pesquisa de doutorado sobre o Brasil (cuja análise problematiza o período que compreende a segunda fase das jornadas de junho de 2013 e vai até os desdobramentos do 8 de janeiro de 2023). Cujo referencial teórico-metodológico está sendo desenvolvido a partir de um estudo filológico das categorias totalidade, contradição e mediação em Milton Santos e Antônio Gramsci. Disto deriva a tradutibilidade da Filosofia da Práxis pela Geografia Crítica. Daí a escolha das categorias miltonianas – formas-conteúdo, território usado, país distorcido, o mundo global visto do lado de cá, por outra Globalização etc. – e das gramscianas – intelectual orgânico, escola unitária, hegemonia, projeto nacional-popular etc. –, pois ambas se traduzem enquanto epistemologias: vivente (do lado de lá) e ou da existência (do lado de cá). Ou seja, uma relação orgânica entre minha experiência de vida, formativa e profissional me levaram até a escolha dos referenciais teórico-metodológicos desta pesquisa (do lado de cá) e da conclusão dela (do lado de lá) em função do projeto de intercâmbio à Itália (planejado para 2026), para que possamos estudar Gramsci na “fonte”, parafraseando um dos líderes da democracia corintiana e capitão da seleção brasileira que encantou o mundo com seu “futebol arte” no ano que eu nasci 1982².

² Quando chegou na Itália para jogar na Fiorentina, Sócrates foi perguntado por um repórter sobre “*Quem seria o italiano que ele mais estimara, Mazzola ou Rivera?*”, mas o magrão respondeu “*Não os conheço. Estou aqui para ler Gramsci na língua original e estudar a história do movimento operário*”.

2. PARTE I – DO EDUCADOR AO GEÓGRAFO ATÉ CHEGAR NO PROFESSOR COMO INTELECTUAL ORGÂNICO (DO LADO DE CÁ)

O ponto em comum entre a primeira, segunda e terceira fase dessa trajetória formativa, que tem se caracterizado por uma práxis educativa orgânica a causa dos(as) oprimidos(as), subalternos(as) etc. é o da busca de uma pedagogia geográfica que ao buscar superar as práxis invertidas que produziram, mantêm e aprofundam esse Brasil distorcido. Mas que signifique, na prática, um “*vir a ser*” entre os vários necessários e que ainda estão por vir para “inventar o Brasil que nós queremos” (Ribeiro, 1978; 1995; Santos, 2002; 2013). Leia-se nacional-popular (Castelo, 2013; Losurdo, 2020).

Por este motivo, iniciei minha apresentação no XXXVIII EEG (2024), citando o projeto do curso Pré-vestibular “Newton Vestibulares”, criado em parceria com colegas com as mesmas bandeiras utópicas e no formato de cooperativa de trabalho, em Porto Alegre - RS (2017). O projeto, localizado no centro da capital gaúcha, era voltado a classe trabalhadora e seus filhos(as) de toda Região Metropolitana (RMPA) e tinha como principais orientações político-pedagógicas o trabalho de base cooperativo (Gadotti, 1996; Peloso, 2012; Singer, 2002). Além de professor de Geografia também era o coordenador pedagógico responsável pela formação dos(as) outros(as) professores(as) via temas geradores. O pré-vestibular funcionou por um ano (2017-2018) com disciplinas como Artes, Sociologia e Filosofia orientadas, assim como as demais, por uma politização dos conteúdos cobrados nos vestibulares da região e pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), via um ensino-aprendizagem emancipador etc. Cujo resultado concreto foi a conquista, por parte de sete dos dez educandos(as) que conseguiram chegar até o final daquele ano, do tão sonhado e merecido nome na lista de aprovados do vestibular da UFRGS de 2018. Leia-se o início da revolução na vida de sete filhos(as) da classe trabalhadora de origem popular.

Em seguida, apresentei o Projeto do “Coworking Sandro Inácio” que foi orientado, principalmente, a partir de Milton Santos e Antônio Gramsci. Vide, a seguir, o EGP inspirado na Escola unitária e na educação do “*vir a ser*” de outra existência necessária a invenção do Brasil e mundo que nós queremos:

Figura 1: Coworking Sandro Inácio (Incubadora de quatro *Startups* de ensino-aprendizagem a partir de metodologias ativas orientadas à tecnologia social: Cineclube; Coletivo de Comunicação; Banco Popular e; Agrofloresta).



Fonte: autor (2019-2022).

O *Coworking SI*, é um EGP orientado a formação dos(as) estudantes para serem especialistas mais dirigentes (do lado de cá) e, para tanto, incluía quatro *Startups* orientadas à tecnologia social ou ao perfil popular dos(as) educandos(as) da EEEM IDH, mas em linha com as metodologias ativas e os *meios* Técnicos-científicos-informacionais aos quais elas eram associadas. Daí o porquê da incorporação da metodologia de comunicação desenvolvida no Vale do Silício (EUA) – Tecnologia Entretenimento e Designer (TED) *Talks* – na forma de um auditório próprio: *TEDx Talks* IDH. O nome do *Coworking* homenageia o amigo, professor de História e ex-diretor do IDH – Sandro Inácio – que, infelizmente, veio a óbito em 2020 – vítima desse processo de uberização –, pois após o expediente da escola trabalhava como motorista de App do UBER para poder complementar a renda familiar, num período de atrasos e parcelamento de salários contra o magistério gaúcho pelo ajuste fiscal – do Neoliberalismo – que sitiou o poder executivo ao longo dos governos Sartori-MDB e Leite-PSDB. Desta “sorte”, em uma destas vezes de dupla jornada de trabalho, sofreu um infarto decorrente deste stress acumulado.

Sobre as quatro *Startups* as introduzi brevemente durante a apresentação, por causa do tempo, mas pude aprofundar ao final, durante as perguntas dos colegas e ao longo do debate dialógico, mediado pelos(as) moderadores(as) do nosso EDP. Mas, para deixar registrado, a crítica feita pelo(a) moderador(a) foi a de que este tipo de trabalho tinha que estar publicado na forma de artigo para que outros(as) de nós tivessem acesso a essa experiência docente e conteúdos geográficos orientados ao ensino-aprendizagem da Geografia enquanto “*geo-grafias*” alternativas ao projeto societário do capital para a educação pública gaúcha e brasileira.

Assim, inspirado por esta e outras críticas, apresento as quatro *Startups* do Projeto do “*Coworking SI*”, a saber: a do Cineclube “Glauber Rocha & Adélia Sampaio”; a do Coletivo de Comunicação “Carolina de Jesus & Mário Juruna”; a do Banco Popular “Milton Santos & Vandana Shiva” e; a de Geotecnologias Agroflorestais “Berta Becker & Ab’Sabber”. Todas as quatro contendo um livro Ata para o registro, pelos(as) próprios alunos(as), do desenvolvimento de cada um dos projetos e avaliações desse ensino-aprendizado alternativo aos itinerários formativos do NEM. Ainda que descrevêssemos o nosso EGP como já sendo a aplicação dos itinerários formativos do NEM, porque o ensino-aprendizagem era baseado no desenvolvimento de competências e habilidades, recebemos quatro “visitas” de “colegas” da Secretaria de Educação do RS, tanto servidores concursados, quanto comissionados do governo Eduardo Leite-PSDB. O objetivo “não-dito”, relatou-me a crítica da diretora à época foi o de conferir se o EGP estava dentro da ideia – neoliberal – de educação que a 3ª versão do BNCC do EF e o NEM esposavam.

Assim como Gramsci, também consegui fugir da censura. Pois foi um EGP desenvolvido com base em minha interpretação do princípio educativo da escola unitária gramsciana. Isto é, a partir de uma tradutibilidade orientada pela Geografia Crítica ou epistemologia da existência miltoniana e que estamos refinando ainda mais em nossa tese. Este EGP foi iniciado em 2019 e mantido durante o tempo em que trabalhamos no IDH (até final de 2020) e significou na prática, vale repetir, uma “*geo-grafia*” alternativa à 3ª versão da BNCC do EF e ao NEM (Santos, 1996; 1996b; 1999; 2000; Tartaruga, 2011; Saviani, 2013). Ou seja, um EGP que foi pensado para ser uma incubadora de um ensino-aprendizagem unitário e integral e que, portanto, fosse capaz de partir da ideologia neoliberal de “inspirá-los(as) a serem as suas melhores versões”

para um “*vir a ser*” – “especialista + dirigente” – que os(as) ajudassem a superar (desde o presente) a ordem neoliberal vigente.

A título de exemplo, uma de quatro das atividades que apresentamos no XXXVIII EEG - RS (2024), durante as perguntas e debate ao longo do EDP, foi a do Cineclube “*Glauber Rocha & Adélia Sampaio*”. Na oportunidade explicamos que esta *Startup* fora pensada para ser uma forma-conteúdo de produção cultural, pois era usada tanto para educar os(as) estudantes durante as “aulas-oficina” (via sessões de filmes, documentários etc.) sobre uma nossa tendência crítico-social dos conteúdos da Geografia, quanto para “*com uma câmera na mão e uma ideia na cabeça*” produzir (desde a escola) as “*geo-grafias*” necessárias a subversão deste currículo neoliberal do NEM. Visando, assim, uma práxis escolar orgânica ao “*vir a ser*” desse Brasil nacional-popular que precisamos construir:

Figura 2: Cartaz do 1º Cineclube realizado no EGP do “*Coworking SI*”, através da Startup “*Cineclube Glauber Rocha & Adélia Sampaio*”, como exemplo educação antimachista.

Festival de Filmes “Dia D 7ª Arte” 2020.

O “CINECLUBE – Glauber Rocha & Adélia Sampaio” da EEEM – IDH abrirá a série “Dia D 7ª Arte” do ano de 2020, nesta quinta-feira dia 12/03, no turno da manhã, com o filme “Eu não sou um homem fácil (2018)” em comemoração ao dia Internacional da Mulher “8M”.

sinopse

Roteirista & Diretora:
Eleonore Pourriat

A história gira em torno de Damien (Vincent Elbaz), que um dia acorda em um mundo onde as mulheres e os homens inverteram os seus papéis na sociedade. O mundo mudou, agora são as mulheres que têm poder sobre os homens. Uma situação engraçada quando não somos avisados.



Fonte: autor (2020).

3. PARTE II – DO BRASIL DISTORCIDO AO “VIR A SER” DO PROJETO NACIONAL-POPULAR (DO LADO DE CÁ)

A terceira e última parte da apresentação, expomos como foram os dois primeiros anos de nossa pesquisa de doutorado sobre as práxis invertidas que produziram, mantém e aprofundam, a cada crise de acumulação do capital, esse Brasil distorcido. Daí o porquê da periodização que vai da segunda fase das jornadas de junho de 2013 até

os desdobramentos do 8 de janeiro de 2023. A pesquisa, como apresentado aos colegas do EDP, totalizava sete capítulos (ainda em construção) para serem defendidos na qualificação (em 2025). A seguir, um resumo das partes mais importantes da pesquisa que apresentamos no XXXVIII EEG - RS (2024) e que foram ressaltadas pelas críticas dos(as) colegas, ao longo das perguntas e debates no nosso EDP, como sendo as mais interessantes para ser publicadas em um artigo.

Ou seja, de forma geral estamos pesquisando como tem se dado a produção da *alienação geográfica* do Brasil, dentro dessa divisão territorial da produção e do trabalho da Globalização Neoliberal (entre a segunda fase das jornadas de junho de 2013 até os desdobramentos do 8 de janeiro de 2023), a partir da geografia do atual papel ou função dos *intelectuais* do capital frente aos das massas (e, vice-versa), mas através da análise dialética entre as formas-conteúdo (a partir das quais têm se reproduzido a hegemonia neoliberal). Disto deriva nosso foco, no terceiro capítulo, em analisar as *formas-conteúdo* – dos *Think Tanks* neoliberais – pois o estado da arte sobre o tema (analisado por nós até agora), tem apontado para a existência de um sistema de “novos” Aparelhos Privados de Hegemonia (APH) que estão sendo usadas para impor um “tipo de transformismo em massa” da subjetividade dos(as) brasileiros(as) desde a segunda fase das jornadas de junho de 2013 que culminou no golpe do *impeachment* (2016) e que resultou nos governos Temer-Bolsonaro até os desdobramentos do 8 de janeiro de 2023.

Neste contexto, surgiram: *MBL*, *Vem pra Rua* etc. já que as crises política e econômica introduzidas no Brasil – pela Geopolítica da Guerra Híbrida – e, em conluio com as “elites nacionais”, também apontam para um tipo “novo” de “Revolução-restauração”, mais “colorida”. Fato comprovado pelos desdobramentos históricos da segunda fase das jornadas de junho (2013), que culminaram (em 2016) no Golpe do *impeachment* (parlamentar-jurídico e midiático-geopolítico), pois como ficou comprovado não houve “crime de responsabilidade” de Dilma³ e a “Lei nº 12.351/2010”

³ Sobre isto ver, entre outras fontes: “Comentários a uma sentença anunciada: o processo Lula (2017)”;
“Polêmica: para qualificar as jornadas contra o golpe” < <https://outraspalavras.net/sem-categoria/polemica-para-qualificar-as-jornadas-contr-o-golpe/> >; “Justiça mantém decisão que isenta Dilma de ‘pedaladas fiscais’” < <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/justica-mantem-decisao-que-isenta-dilma-rousseff-de-pedaladas-fiscais/> >; “Entenda porque o TRF 1 arquivou a ação contra Dilma por ‘pedaladas fiscais’” < <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/entenda-por-que-o-trf-1-arquivou-a-acao-contr-dilma-por-pedaladas-fiscais/?srsltid=AfmBOoqhSMvXH0A-Wx5tmggsUSYNWNPtoHmgT02UISsyQpiof2uhls7i> >; “Ex-presidenta Dilma Rousseff é inocentada na ação sobre ‘pedaladas fiscais’” < <https://www.cut.org.br/noticias/ex-presidenta-dilma-rousseff-e-inocentada->

foi a primeira a cair antes de minarem o novo papel que Brasil desempenhava frente aos BRICs contra a hegemonia dos EUA. Ou seja, após esta Revolução Passiva: evidenciou-se, do lado de cá, outra fase da ofensiva neoliberal (PEC 241 ou “PEC do fim do mundo”; Reformas: Previdenciária, Trabalhista e Educacional), cujo ponto estrutural a todas estas “reformas” foi a de transformar os direitos humanos sociais/humanos em serviços/mercadorias, ao mesmo tempo que transferiu o patrimônio público – privatizando as partes mais lucrativas que restavam das Estatais Embraer, Petrobras, Eletrobras etc. – para a classe do 1% além de socializar os prejuízos da crise – econômico-financeira – com o Estado, leia-se com a classe trabalhadora que o financia.

O “novo” deste processo de totalização, na forma de uma “nova” ofensiva do Neoliberalismo (do lado de cá), é que agora ele parece ter inaugurado um “novo” processo de transformismo já desde a Educação Básica (3ª versão da BNCC do EF e “novo” EM), pois ambas aprovadas por um congresso sitiado pela coalização entre o centrão e a extrema-direita, cujo objetivo foi normar as “novas” práticas pedagógicas para formar – desde a escola – as subjetividades hegemônicas. A partir desta realidade geopolítica – da hegemonia, impondo-se no cotidiano como relação pedagógica – e, orientado, principalmente – pelas categorias de miltoniana e gramsciana – estamos analisando a responsabilidade dos “nossos(as)” intelectuais orgânicos(as) no uso do território nacional, seja visando a manutenção e aprofundamento dessa “nova” Revolução Passiva “em/ou a cores” (entre 2013 e os desdobramentos do 8 de janeiro de 2023), seja visando sua superação.

Para tanto, nossa pesquisa focará nas categorias totalidade, contradição e mediação presentes em Milton Santos e Antônio Gramsci. Isto é, aprofundaremos o debate sobre a produção de um projeto nacional-popular (do lado de cá ou segundo o Brasil que nós queremos construir) *versus* as práxis invertidas do Brasil distorcido. Mas que seja capaz de apontar para outra Globalização, orientada pelas pessoas para si e, por isto, segundo um projeto ético-político e orgânico ao “*vir a ser*” de uma civilização integral (inspirado no melhor da Filosofia da Práxis (do lado de lá), mas a partir da Geografia Crítica da nossa Formação Espacial (do lado de cá).

na-acao-sobre-pedaladas-fiscais-6f6e >; “Parlamentares, imprensa e ministros do STF pedirão desculpas a Dilma após decisão do RRF-1?” < <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/parlamentares-imprensa-e-ministros-do-stf-pedirao-desculpa-a-dilma-apos-decisao-do-trf-1/> >.

3.1. Referencial Teórico-Metodológico

O nosso referencial teórico-metodológico parte do da Geografia Crítica brasileira (Santos, 2000; 2012; Suertegaray, 2005; Moreira, 2012; 2014), pois objetivamos desde o início uma práxis geográfica – crítico-emancipatória – capaz de não só realizar a crítica da intencionalidade por trás das formas-conteúdo das *Think Tanks* – neoliberais –, mas capaz, sobretudo, de subverter suas consequências já que estão por trás das “novas” práxis invertidas (desde 2013) que aprofundaram o “nosso combinado” desenvolvimento geográfico desigual, leia-se do Brasil distorcido. Em função disto, focamos primeiro no estudo da *epistemologia da existência* – miltoniana – que é o papel ativo ou político da Geografia que reconstrói seu método através da vida ou a partir dos nossos cotidianos (Santos, 1996b; 2000; 2013).

Em seguida, para descobrir o papel e ou função destas “novas” formas-conteúdos – *Think Tanks* neoliberais – na produção da hegemonia neoliberal enquanto relação pedagógica fomos estudar o conceito de intelectual orgânico na Filosofia da Práxis gramsciana (Gramsci, 2022; Coutinho, 1999; Semeraro, 2021; Schlesenser, 2024). A partir daí passamos a compreender e, portanto, a mapear quem são os(as) brasileiros(as) – que se destacam como os(as) intelectuais orgânicos(as) e dirigentes e ou referenciais exemplares⁴ – da(s) classe(s) dominante(s) – do 1% – que mantém e aprofundam o Brasil distorcido, bem como dos(as) que visam a sua subversão, superando-a.

A tradutibilidade (do lado de cá) da Filosofia da Práxis gramsciana pela Geografia Crítica miltoniana foi facilitada, vale dizer, graças aos estudos de Marcos Aurélio (2016; 2018; 2020), pois nos ajudaram a ampliar nosso repertório teórico-metodológico sobre a tradutibilidade de Santos e Gramsci do ponto de vista das categorias da dialética – totalidade, contradição e mediação – que ambos esposam. Daí em diante, visualizar a relação entre as *Think Tanks* – neoliberais – e a reciclagem ou atualização dos “velhos(as)” e ou a formação ou produção dos(as) “novos(as)” intelectuais necessários(as) aos desdobramentos da segunda fase das jornadas de junho (2013) foi

⁴ Sobre isto ver: “Guia de introdução ao Marxismo - *Curso Livre Marx-Engels : a criação destruidora* / Org. José Paulo Neto (2017)”; “*Do socialismo utópica ao socialismo científico* / Friedrich Engels; apresentação Edmilson Costa; [tradução Roberto Gold Korn]. - 3 ed. - São Paulo: Edipro, 2023”; “*O Socialismo jurídico* / Friedrich Engels e Karl Kautsky : tradução Livia Cotrim e Márcio Bilharinho Neves - [2 ed.; rev.] - São Paulo: Boitempo, 2012” etc.

mais fácil. Também porque a pretexto de combater o Marxismo Cultural de Antônio Gramsci, a extrema-direita brasileira, intensificou o Neoliberalismo, aprofundando, ainda mais, “nosso combinado” desenvolvimento geográfico desigual o que nos deu outra pista a sobre as *Think Tanks* – neoliberais – serem um novo tipo de “reencarnação” daquelas “totalidades do Diabo” do século XX (Santos, 2011). Disto deriva a aproximação da *Geografia Crítica* miltoniana com a *Filosofia da Práxis* gramsciana e uma tradutibilidade filológica da dimensão geográfica das categorias gramscianas dos(as) intelectuais orgânicos(as), escola unitária etc. (do lado de cá).

Portanto, é desta interlocução que deriva essa tradutibilidade geográfico-filológica de Gramsci, pois orientada a análise dessa crise orgânica que tem refinado a alienação do Brasil (nestas últimas décadas) dentro desse Bloco Histórico de crise da Globalização do Neoliberalismo. Apesar de estarmos estudando a questão da alienação a bastante tempo (Silva, C. P. da. 2018), somente no doutorado pudemos iniciar nossos estudos filológicos sobre as categorias da Filosofia da Práxis segundo nosso contexto, qual seja: que é o do estudo da superação da alienação dos(as) oprimidos(as), subalternos(as) ou do cidadão imperfeito que é o consumidor(a) mais-que-perfeito(a) ou, se dito em nossos termos, da superação das práxis invertidas desse Brasil distorcido pelo “*vir a ser*” do Brasil nacional-popular que queremos construir. Por isto que estes dois intelectuais orgânicos (do lado de cá e do lado de lá), constituem-se no ponto de partida principal do nosso referencial teórico-metodológico e cuja interlocução tem nos permitido a crítica das formas-conteúdo tanto da manutenção e aprofundamento dessas práxis invertidas do Brasil distorcido quanto, vale repetir, necessárias a superação dessa Globalização do Neoliberalismo pelo “*vir a ser*” de um projeto nacional-popular orientador de outra(s) existência(s). Leia-se orientador da educação de uma sociedade integral.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O primeiro capítulo dedicamos ao aprofundamento dos estudos sobre a vida e obra de Milton Santos e avançamos bastante na caracterização dessas práxis invertidas do Brasil distorcido, bem como, da caracterização das formas-conteúdo do “*vir a ser*” de outra existência. Ou seja, todo nosso trabalho enquanto geógrafo educador,

professor – leia-se, também intelectual orgânico comprometido com um projeto-nacional popular (do lado de cá) – foi sempre inspirado pela seguinte crítica miltoniana *“cabe a nós fazer dessas condições materiais a condição material da produção de uma outra política”* (Santos, 2006), que é uma das passagens que aponta para as categorias de totalidade, contradição e medição do seu pensamento geográfico dialético.

Neste sentido, nossa pesquisa avançou bastante na apreensão de sua epistemologia da existência, do debate em torno da categoria do território usado e outras (Moraes, 2013; Silva, M. A. da & Viogt, M. E., 2021; Vasconcelos, 2020), de forma que nos possibilitou apreender que, sobretudo hoje, o território usado é um subsistema do planeta e um subsistema da sociedade: o repositório final de todas as ações e de todas as relações, o lugar geográfico comum dos poucos que sempre lucram e dos muitos perdedores inconformados. Sua apreensão, enquanto totalidade, tem nos possibilitado ver quais são as formas-conteúdo desse território usado mais importantes desse processo de transformismo operado pelos atores hegemônicos, através de seus e suas intelectuais orgânicos(as). Porque permite a compreensão da totalidade ou sistema, constitui-se no grande revelador do processo de escassez na abundância, resultado das práxis invertidas desse Brasil distorcido. Por isto, compreendemos que é o espaço, portanto, o meio, o lugar, a região, o território material-existencial da possibilidade dos eventos, de outra política.

E sobre sua compreensão a partir de suas partes, avançamos e aprofundamos a apreensão de que quando uma forma-conteúdo hegemônica é implantada num território, surge, ao mesmo tempo: contra-racionalidades sociais (entre pobres, migrantes, minorias); econômicas (atividades tradicionais e ou recentemente marginalizadas) e; geográficas (áreas, zonas, regiões etc. menos modernas, opacas). Quando estas contra-racionalidades não se subordinam às racionalidades dominantes, esta experiência coletiva de escassez, se transforma na base para uma adaptação criadora porque estas carências impõem um convite a imaginação de outros futuros, o que faz destas “irracionalidades” outras formas de racionalidade e que apontam para a construção de novos sentidos, novas existências.

Já no segundo capítulo, o foco foi orientar esforços no desenvolvimento de um estudo filológico da vida e obra de Antônio Gramsci. Neste sentido, avançamos na apreensão do partido enquanto intelectual coletivo porque, segundo Gramsci, o partido

é o moderno Príncipe. Este argumento é defendido por Coutinho (1999) que explica que não podendo mais ser encarnado como indivíduo, uma vez que nas sociedades modernas (mais complexas), são os organismos sociais que desempenham as funções que Maquiavel (em sua época), atribuía a uma pessoa singular. Coutinho afirma que o “organismo social” a que Gramsci se refere é o “partido político”, pois ele é resultado do próprio desenvolvimento histórico já que ele é “um dos elementos mais característico da rede de organizações que forma a moderna sociedade civil” (p. 167).

Também avançamos na compreensão dos dois tipos de intelectual segundo Gramsci: os orgânicos e os tradicionais. Segundo Coutinho (1999. p. 175), o primeiro surgiu da estreita ligação com a classe social determinante do modo de produção hegemônico e cuja função é “dar homogeneidade e consciência a essa classe”, tanto no “campo econômico”, quanto no “social e político”. Já o segundo, é orgânico a uma classe passada (como “os padres em relação à nobreza feudal”, por exemplo), mas que mesmo depois do desaparecimento desta, ainda formam uma “camada relativamente autônoma e independente”. Ainda sobre o primeiro, faz dois alertas, sendo o primeiro (citando o *Quaderni*, p. 1519) que é o erro grosseiro de identificar “intelectual orgânico” com “revolucionário” e “intelectual tradicional” com “conservador” ou “reacionário”, pois a “burguesia tem seus intelectuais orgânicos”, assim como há “intelectuais tradicionais” (“padres, professores” etc. por exemplo) “ligados às lutas do proletariado” e, o segundo, apontando que:

(...) O que mais importa ressaltar aqui é que ambos os tipos exercem objetivamente funções análogas à do partido político: eles dão forma homogênea à consciência da classe a que estão organicamente ligados (ou, no caso dos intelectuais “tradicionais”, às classes a que dão sua adesão) e, desse modo, preparam a hegemonia dessa classe sobre o conjunto dos seus aliados. São, em suma, agentes da consolidação de uma vontade coletiva, de um “bloco histórico” (Coutinho, C. N. 1999. p. 175-176).

Com Semeraro (p. 167-168) avançamos na compreensão sobre a origem dessa práxis revolucionária de Gramsci estar na afirmação “inaudita” de que “todos são intelectuais” e que, a partir daí, “trabalho”, “consciência” e “conhecimento coletivo” passam a ser “inseparáveis da ação política” e que, por isto, “subvertem os lugares excludentes” da “criação”, do “saber” e do “poder”. A “configuração da escola”, nestas bases, “se contrapõe a todo e qualquer sistema de castas”, pois está organizada nas

determinações “históricas concretas” para “tornar cada um” “‘dirigente’ (especialista + político)”. Nas palavras do autor:

Um projeto dessas proporções não é só inaudito, mas é tão grandioso e radical que se choca frontalmente com o sistema dominante (...) Gramsci deixa claro que, por mais avançado e tecnicamente sofisticado que venha a ser um modelo social, como a sociedade industrial americana, não passa de uma “revolução passiva” (Q 22, §2, p. 2.145-2.146). Ao contrário, a novidade revolucionária voltada a formar todos como “dirigentes”, especializados no trabalho e protagonistas políticos ao mesmo tempo, visa tornar os cidadãos “orgânicos” a um projeto nacional-popular capaz de criar uma nova civilização que subverte o modelo do “empresário capitalista” e as estruturas da sociedade de classe, arraigada na privatização do poder econômico, cultural, político. Nesse sentido, o projeto educacional de Gramsci não pode ser confundido com a concepção convencional de “cidadania” que visa “inserir” a população no sistema, nos aparelhos de controle da classe dominante e reduz os indivíduos a eleitores eventuais e a meros espectadores e consumidores (Semeraro, G. 2021. p. 148-149).

E, por fim, com Schlesener (2024), cuja análise abrangeu outros capítulos da obra de Gramsci, do Caderno 10 por exemplo, avançamos na apreensão de que os professores são intelectuais orgânicos uma vez que são formadores das próximas gerações e cuja função é atuar - por isto essencialmente política - ou na conservação ou na transformação – por isto imersa na luta de classes - das relações de hegemonia. A autora ainda afirma (p. 187) que é por isto que Gramsci equipara o “professor ao filósofo” e a “prática pedagógica às relações de hegemonia”. Agora sobre as práticas pedagógicas modernas destaca que, para Gramsci:

(...) a relação entre professor e aluno é uma relação ativa, de vínculos recíprocos e, portanto, todo professor é sempre um aluno e todo aluno um professor (...) o processo de aprendizagem é recíproco, que não se reduz as relações escolares, mas se estende a (...) toda sociedade (...) entre governantes e governados, dirigentes e dirigidos (...) toda relação de ‘hegemonia’ é necessariamente uma relação pedagógica (...) tanto no interior de uma nação (...) quanto no (...) campo internacional (Schlesener, A. H. 2024. p. 187-188).

Por este motivo é que este processo educativo que se estende para além da escola, defende a autora. é porque é resultado dessa nossa relação dialética com o mundo. Pois é por ela que nós nos transformamos à medida que atuamos para transformar a sociedade da qual fazemos parte. Em termos geográficos, destacamos além deste argumento supracitado, um outro que ela ressalta que essa “relação dialética entre indivíduo (ou grupo social) com o ambiente como processo de educação” (p. 193), se dá porque ela entende circunscrever a crítica de Gramsci ao Ensaio Popular

de Bukharin que, por não questionar os limites do senso comum, também foi incapaz de vislumbrar sua superação, pois, sem a qual, se perde o essencial que é a apreensão de “uma nova concepção de mundo”. Em suas palavras:

(...) o “ambiente não educado e rústico dominou o educador”. É preciso criar as condições políticas que possibilitem uma interação entre homem-ambiente, porque “se o ambiente é o educador, ele deve ser por sua vez educado”, mas no *Ensaio* não se compreende esta dialética revolucionária (Q. 12, §3, p. 1551). (...) A relação dialética proposta implica uma outra postura educativa (...) uma interação em que professor-aluno, homem-ambiente se transformam (...) no sentido de criar um Estado, que seja também um modo e uma qualidade nova de pensamento, que se constitua em uma nova história (Schlesener, A. H. 2024. p. 193-194).

Por fim, no terceiro capítulo, demos início aos estudos filológicos de tradutibilidade (do lado de cá) das formas-conteúdos utilizadas por esses(as) classes de intelectuais orgânicos, seja definindo como eles(as) as usam para formarem as subjetividades hegemônicas necessárias assimilação da ideologia do “*empreendedorismo ou do(a) empresário(a) de si mesmo*”, seja como eles(as) são usados(as) por estas formas-conteúdo através da normalização da uberização, pejetização etc. que, segundo as crítica dos(as) autores(as) com quem viemos debatendo (nesses dois anos de tese), tem significado, ao mesmo tempo, um sistema que totaliza um processo de transformismo em massa, tanto da classe trabalhadora popular – mantendo-a e aprofundando ainda mais sua subalternidade, quanto da classe média. Isto significa, se dito em outros termos, que ao contrário dos discursos sobre essa tecnosfera e psicosfera pós-moderna, esposado pela “*mão invisível do Mercado*” possibilitar a liberdade professada e vendida pelo Liberalismo “clássico”, na verdade, é o contrário disto, pois é unanime o consenso entre nossos interlocutores sobre este processo estar, na verdade, aprofundando o reino da necessidade, da escassez na abundância etc. Leia-se, justamente porque a realidade e os números demonstram o aumento da concentração de renda e da perpetuação da miséria, enquanto na esfera geopolítica: guerras. E ambos os processos somados têm significado a destruição do planeta em proveito de poucos.

É consenso (D’agostini, 2024; Cara, 2023; Fontes, 2024; Evangelista, 2024; Gros, 2008; Ramírez, 2024) que existe um sistema orgânico entre a Fundação Leman, Fundação Roberto Marinho, Fundação Itaú, MBL, Brasil Paralelo etc. e os Think Tanks responsáveis pela formação das subjetividades hegemônicas – transformismo em

massa em curso no/contra o Brasil – necessárias ao empresariamento do Estado e dos(as) setores populares. Os(as) autores também alertam para sua dimensão mediata ao demonstrarem que – estes Think Tanks neoliberais - são entidades que em geral agrupam setores afinados politicamente por temas ou setores temáticos voltados a confrontação da educação pública: especialmente a educação universitária. E sobre seus mecanismos, concordam que este transformismo fica evidente a partir das táticas e estratégias de captura de quadros universitários, sejam eles(as) não revolucionários, sejam eles(as) de esquerda, pois todos(as) eles(as) passarão a ser expressão e voz dos setores empresariais que são invisibilizados e ao mesmo tempo representados quando, por exemplo, estes(as) estudantes e professores(as) ao falarem como se estivessem defendendo os seus interesses próprios ou defendendo interesses que dizem serem interesses nacionais então, na verdade, vocalizando e defendendo os interesses dessa classe dominante, por trás desses Aparelhos Privados de Hegemonia (APH), cuja forma-conteúdo típica do nosso tempo histórico é visível através da análise geográfica do papel ou função de um Think Tank neoliberal. A seguir, dois exemplos mediatos da imante reação entre essa nova fase da luta de classes associada a nova fase dessa Geopolítica do Neoliberalismo:

[...] Diferentemente da década de 1990, quando o alvo principal do projeto neoliberal era a privatização das universidades públicas, o objetivo do mercado agora avança para a escola de nível básico (da creche ao ensino médio, incluindo a formação técnica e profissional), além da ampliação do ensino superior privado, através de volumosos subsídios governamentais para financiamento de vagas (...) o projeto do golpe visa claramente atingir a soberania nacional, restringindo o acesso ao ensino superior público e comprometendo o compromisso do Estado em formar novos mestres e doutores – base para o desenvolvimento social, econômico e tecnológico da nação. No Brasil, a pós-graduação é majoritariamente ofertada por instituições públicas, enquanto que a graduação é predominantemente privada – e o PNE pretendia inverter a lógica de acesso à graduação, ampliando as matrículas públicas (CNE. 2017. p. 745-746).

Figura 3 – Sujeitos(as) individuais, coletivos(as) e APH do neoconservadorismo que passou a disputar o conteúdo das reformas da EB (3ª versão da BNCC e NEM) no Brasil.



Fonte: Elaborado por LIMA, 2017.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa orientada por estes pressupostos teórico-metodológicos, até agora, nos possibilitou uma importante “tradutibilidade geográfica” sobre o forte sentido geográfico da vida e obra de Gramsci e do seu potencial revolucionário no estudo sobre o papel e função dos(as) “novos(as)” intelectuais (do lado de cá) nos usos políticos do território nacional (antes, durante e após o golpe de 2016) contra a soberania, democracia e cidadania brasileira. Daí o porquê da atualidade do texto “Por uma Geografia Nova”, pois têm orientado nossa pesquisa a retomar o Estado-nação como unidade geográfica de estudo do(a) geógrafo(a). Para uma crítica – crítico-emancipatória – dos “novos desdobramentos” do “nosso combinado” desenvolvimento geográfico desigual, da “nossa” dependência científico-tecnológica, da “nossa” desindustrialização-reprimarização etc. é necessário que continuemos a refinar (mais e mais) essa tradutibilidade das categorias da totalidade, contradição e mediação miltoniana e gramsciana. Uma vez que ela tem apontado para a dimensão revolucionária do projeto nacional-popular que (do lado de cá), ao que tudo indica, deverá ser

protagonizado pelo “*vir a ser*” de uma educação unitária dos(as) subalternos(as), ainda que atualmente se encontrem uberizados(as)⁵, fora e dentro das escolas, partidos, Estado etc.

A apresentação do nosso trabalho “*O(a) Professor(a) e Geógrafo(a) como tradutibilidade, do lado de cá, do(a) intelectual orgânico(a)*” no XXXVIII EEG do RS (2024) já corresponde a fase em que nossa pesquisa começa a contribuir com o pensamento geográfico, em geral, e com o ensino da geografia (em termos alternativos aos impostos pela 3ª versão da BNCC do EF e pelo NEM), em particular. Ou seja, da análise desses – “novos” APH – de subjetivação da mente, corpo e dos usos políticos do território nacional enquanto formas-conteúdo tecnopsicosféricas desse *meio* Técnico-científico-informacional que o Bloco Histórico da Globalização do Neoliberalismo tem usado para nos alienar.

Assim, tais referenciais tem nos ajudado a caracterizar, geograficamente, o que se seguiu entre 2013 e 2016. A título de exemplo a caracterização em termos geográficos da implantação, por Michel Temer/PMDB (2016-2018), do seu programa “Uma ponte para o futuro”, que representou, na prática, “uma ponte para o passado” aprofundando, ainda mais, o Brasil distorcido. Incubados pelos APH ou *Think Tanks* neoliberais (Ferreira, 2018) – o MBL etc. – surgiu como sendo um dentre esses “novos(as) intelectuais coletivos apartidários(as)” que, através das formas-conteúdo – dessa tecnosfera e psicosfera das *Big Techs*, Canais do Youtube, Podcasts ultraliberais e ou de *Streamings* tipo Brasil Paralelo –, têm formado a subjetividade conservadora-reacionária de milhões de brasileiros(as) segundo sua teologia da prosperidade e da dominação. Daí o porquê essa fração da classe dominante que passou a lutar por hegemonia, do lado de cá, precisou requestrar a marmita do fascismo italiano e nazismo alemão que pode ser vista – traduzida – através da imposição de sua política do “*Deus acima de tudo e o Brasil acima de todos*”.

⁵ Ver: Os novos planos dos entregadores rebelados: Paulo “Galo” Lima. **OUTRASPALAVRAS**, 20 jul 2020. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/videos/os-novos-planos-dos-entregadores-rebelados/>>. Acessado em 20 set 2020. & Uberização, indústria digital e trabalho 4.0 | Ricardo Antunes, Paulo Galo e Luci Praun. Apresentação e Mediação: Ivana Jinkings (Diretora Editorial da Boitempo) e Dafne Sena. 2020. Live comemorativa 20 anos – Coleção Mundo do Trabalho – **TV Boitempo**. 1 h 57 min e 14 seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=C8g3cn0F4pY&t=112s>>. Acessado em 14 out 2020.

Logo, nossas conclusões (até aqui) demonstram que a história vem sendo repetida, mais uma vez, como farsa. Haja vista a verossimilhança entre a privatização da BR-Distribuidora, ELETROBRÁS etc. – pela gestão econômica de Paulo Guedes, ex-fundador do BTG Pactual, ao rentismo: Itaú, BTG Pactual, 3G Capital etc. – e àquelas da Vale, Telebrás etc.⁶. A novidade é a emergência de uma constelação de APH que funcionam como um sistema técnico-psicosférico de subjetivação pró-capital em que participam, organicamente, um exército de novos(as) subalternos(as) que foram elevados a função de “intelectuais orgânicos(as)”, leia-se youtubers, podcasters, coaches etc. porque atuam através das novas formas-conteúdo – *Think tanks* neoliberais, Streamings, Redes Sociais etc. – aparentemente em seu favor porém, só aparente porque ainda estão a serviço da classe dominante (tanto da do lado de cá, quanto da do de lá). Se Milton Santos estiver correto sobre a clarividência ser uma virtude que se adquire pela intuição, mas sobretudo pelo estudo, ou seja, de tentar ver a partir do presente o que se projeta no futuro e sobre o período histórico atual ser o período demográfico e que, em função disto, os(as) atores que vão mudar a história são os(as) de baixo, leia-se eles(as) vão agir de baixo para cima (os pobres de cada país, os países pobres dentro dos diversos continentes, os continentes pobres face aos continentes ricos etc.), então nossa caminhada (até aqui), constitui-se em um dos movimentos de um desses atores de baixo que tem se mantido orgânico ao “vir a ser” de um Brasil nacional-popular que sonhamos e merecemos, mas que ainda precisamos construir.

6. REFERÊNCIAS

AB’SABBER, Aziz Nacib. **O que é ser geógrafo**: memórias profissionais de Aziz Nacib Ab’Saber. Rio de Janeiro: Record, 2007.

⁶ Ver, entre outras fontes: Documentário produzido por Silvio Tendler “*FILME | Privatizações: a distopia do Capital, 2014.*”, disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=A8As8mFaRGU&list=PLs-ODlYgxaOmz18_MRrkAYVP_b6lmVDI&index=11 >; Reportagem publicada pelo site InfoMoney “*Paulo Guedes: a trajetória do fiador econômico do governo Bolsonaro*”, disponível em < <https://www.infomoney.com.br/perfil/paulo-guedes/> >; Reportagem de Elstor Hanzen, publicada por [ExtraClasse](#), 09-07-2024 - entrevista com Hernan Ramírez - do Instituto Humanitas Unisinos IHU “*A mão invisível dos ‘think tanks’ na vida dos brasileiros comuns*”, disponível em < [A mão nada invisível dos ‘think tanks’ na vida dos brasileiros comuns - Instituto Humanitas Unisinos - IHU](#) > e; Intercept Brasil. *Escolas Paralelas: Brasil Paralelo está em escolas e ONGs para combater a esquerda.* 2024. Disponível em: < https://youtu.be/fL_7sP35dQk?si=ELTC2fOUdweOoR0n >. Acesso em 28 nov. 2024.

CASTELO, Rodrigo. **O social liberalismo**: auge e crise da supremacia burguesa na era neoliberal. / Rodrigo Castelo. – 1. Ed. – São Paulo : Expressão Popular, 2013.

LOSURDO, Domenico, 1941. **Gramsci**, do liberalismo ao “comunismo crítico” / Domenico Losurdo; tradução Teresa Ottoni; revisão da tradução Giovanni Semeraro. – Rio de Janeiro: Revan, 2006, 2ª edição outubro de 2011, 1ª reimpressão, 2020 288p.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**: um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1999.

D’Agostini, A. (2024). Palestra (43ª SEMAGEO) **Novo Ensino Médio**: um dos desdobramentos do projeto educacional do Capital. UFSC, Florianópolis, SC: 23 Maio, 2024.

EVANGELISTA, Olinda. **Formação docente por dentro dos APHs**. V Seminário Nacional Educação, Estado Ampliado e Hegemonias: qual democracia?, realizado pelo Grupo de Pesquisa em Educação, Estado Ampliado e Hegemonias (GPHE), da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em 2024. Disponível em: < <https://www.youtube.com/live/GWut-05wpeU?si=qywuszz9Gm2fwkZH> >. Acesso em 3 jul 2024.

FONTES, Virgínia. **Hegemonias e Estado no Brasil hoje**: qual democracia? V Seminário Nacional Educação, Estado Ampliado e Hegemonias: qual democracia?, realizado pelo Grupo de Pesquisa em Educação, Estado Ampliado e Hegemonias (GPHE), da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em 2024. Disponível em: < <https://www.youtube.com/live/6qRGc5HLW6Q?si=WiVf9ox6VDvGN-2> >. Acesso em 3 jul 2024.

FERREIRA, Eduardo Carvalho. Think tanks da nova direita e suas estratégias de cooptação: o caso do programa Imil (Instituto Millenium) na sala de aula. In: **Crítica Educativa** (Sorocaba/SP), v. 4, n. 2, p. 24-40, jul./dez.2018.

GADOTTI, Moacir, 1941 – **Paulo Freire : uma biobibliografia** / Moacir Gadotti. – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

GRAMSCI, Antônio. 1891-1937. **Cadernos do Cárcere**, volume 2 : os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo / Antônio Gramsci; tradução, Carlos Nelson Coutinho. – 9. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

GROS, Denise Barbosa. Considerações sobre o neoliberalismo como movimento ideológico internacional. In.: **ENSAIOS FEE**/Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser – v. 29, n. 2 (2008). – Porto Alegre: FEE, 2008.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Território na obra de Milton Santos**. / Antônio Carlos Robert Moraes. São Paulo: Annablume, 2013. (Geografia e Adjacências). 130 p

MOREIRA, Ruy. **Geografia e práxis**: a presença do espaço na teoria e na prática geográficas / Ruy Moreira. – São Paulo: Contexto, 2012.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?** : por uma epistemologia crítica / Ruy Moreira. – 2. ed., 2ª reimpressão – São Paulo : Contexto, 2014.

Retratos da Escola / Escola de Formação da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (**Esforce**) - v.11, n. 21, jul./dez. 2017. - Brasília: **CNTE, 2007** – Semestral. A partir de outubro de 2012, disponível no portal de periódicos SEER/IBICT em: < <http://www.esforce.org.br>

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda. 1995.

_____. **O processo civilizatório**: etapas da evolução sócio-cultural (Estudos de antropologia da civilização). São Paulo: Editora Vozes Ltda. 1978.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. **Economia Espacial:** críticas e alternativas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

_____. **Espaço e Método.** São Paulo: Nobel, 1985.

_____. Geografia: além do professor. Minas Gerais: **Conferência de abertura do 1º Encontro Regional dos estudantes de Geografia do Sudeste realizado na UFJF** em Juiz de Fora, em maio de 1996.

_____. Modo de produção Técnico-científico e diferenciação espacial. **Revista Território**, ano IV, n. 6, jan./jun. 1999.

_____. **O Espaço do Cidadão** / Milton Santos. 7. ed., 1 reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

_____. **O País Distorcido:** o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002.

_____. O Papel Ativo da Geografia: um Manifesto. In: XII Encontro Nacional de Geógrafos, 2000, Florianópolis. **Revista Território**, ano V, n. 9, p. 103-109, jul./dez.2000.

_____. Por uma Geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho da Geografia**. Porto Alegre, n. 21, p. 7-14, 1996b.

_____. **Por uma Geografia Nova:** da Crítica a Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

_____. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 23.ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil** / Dermeval Saviani. – 4. ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2013, - (Coleção memória da educação).

SEMERARO, Giovanni. **Intelectuais, educação e escola:** um estudo do caderno 12 de Antonio Gramsci / Giovanni Semeraro ; tradução do caderno 12 [de] Maria Margarida Machado. – 1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2021. 240 p.

SCHLESENER, Anita Helena. **Hegemonia, intelectuais e educação nos escritos de Gramsci/** Anita Helena Schlesenser. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2024.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SILVA, Cristiano Pereira da. **A consciência geográfica da economia espacial cidadã:** um estudo sobre a superação da alienação geográfica a partir dos espaços produtivos do APL Alimentos Região Sul do RS / Cristiano Pereira da Silva. – 2018. 172 f.

SILVA, M. A. da; VIOGT, M. E. (Federal University of Santa Catarina, Brazil). The geography of Milton Santos and the problem of the Marxism of instances: a gramscian reading. **Materialismo Storico**, nº 1/2021 (vol. X) 288.

SILVA, M. A. da. Gramsci e a espacialidade da dialética: elementos de uma Geografia Crítica. AMMENTU - Bollettino Storico e Archivistico del Mediterraneo e delle Americhe. **Periodico semestrale pubblicato dal Centro Studi SEA di Villacidro e dalla Casa Editrice** "Gramsci tropicale": dossier sul successo degli studi gramsciani in Brasile". Numero speciale / 2 gennaio – giugno 2020. p. 16-82.

SILVA, Marcos Aurélio. FES: Transições, vias de desenvolvimento e questões territoriais: uma abordagem a partir de Antonio Gramsci. Biblio 3W. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 5 de junio de 2016, Vol. XXI, nº 1161.

SILVA, M. A. da. Brasil, a Antessala do Golpe: reformismo fraco, crise orgânica e geopolítica mundial. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas** V.12 N.3 2018 ISSN: 1984-1639. p. 1-23.

SUERTEGARAY, D. M. A. NOTAS SOBRE EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA / Dirce Maria Antunes Suertegaray. **Cadernos Geográficos**. - Nº 12 – Florianópolis: UFSC, Maio 2005.

TARTARUGA, I. G. P. O espaço geográfico das inovações tecnológicas: um olhar a partir das ideias de Milton Santos. In.: **ENSAIOS FEE**/Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser – v. 32, n. 1 (2011) – Porto Alegre: FEE, 2011.

TENDLER, Silvío. **FILME | Encontro com Milton Santos**: o mundo global visto do lado de cá. 2006. CALIBAN | Cinema & Conteúdo. Disponível em: < [FILME | Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá, 2006 - YouTube](#) >. Acesso em 12 dez. 2024.

Trabalho de base: seleção de roteiros organizados pelo Cepis / Ranulfo Peloso (org.). – 1. ed. – São Paulo : Expressão Popular, 2012.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **O universo conceitual de Milton Santos** / Pedro de Almeida Vasconcelos – 1. ed. – Curitiba [PR] : CVR, 2020.

L'INSEGNANTE E IL GEOGrafo COME TRADUCIBILITÀ, SU QUESTO VERSANTE, DELL'INTELLETTUALE ORGANICO.

ABSTRATTO: Il presente lavoro è stato organizzato per essere presentato al XXXVIII EEG "Dibattito sulle alternative di/allo sviluppo nel RS: istruzione, ambiente e territorio a partire dalle geografie", tenutosi a Rio Grande (dal 27 al 29 settembre 2024), e orientato al/dal formato dell'EDP, al quale ho partecipato come relatore e ascoltatore e, per questo motivo ha riguardato il contesto che comprende il periodo dal 2012 ad oggi. Per questo motivo, l'articolo sarà diviso in due parti indissociabili: la prima comprende il contesto storico che mi ha portato allo sviluppo del Progetto "Coworking Sandro Inácio", presso l'EEEM IDH - POA/RS (dal 2019 all'inizio del 2023), poiché attratto da una prassi che si aggiunge a queste geografie tematizzate e discusse dall'EEG - da noi geografi - impegnati nello sviluppo del RS e; la seconda, che tratta dello sviluppo di questa prassi nella scelta del tema del dottorato, il cui titolo provvisorio è "INTELLETTUALI ORGANICI CONTRO IL BRASILE DISTORTO: per una traducibilità, da questa parte, del 'diventare' di un progetto nazionale-popolare", in cui stiamo studiando il rapporto tra il ruolo o la funzione degli intellettuali e le "nuove" forme-contenuto responsabili delle prassi invertite del Brasile distorto rispetto al suo superamento.

Parole chiave: Milton Santos; Antonio Gramsci; Think Tank neoliberali; Intellettuali organici e; Educazione delle masse.

EL PROFESOR Y EL GEÓGRAFO COMO TRADUCIBILIDAD, POR ESTE LADO, DEL INTELLECTUAL ORGÁNICO.

RESUMEN: El presente trabajo fue organizado para ser presentado en el XXXVIII EEG «Debatiendo alternativas de/al desarrollo en RS: educación, medio ambiente y territorio a partir de las geografías», celebrado en Rio Grande (entre el 27 y el 29 de septiembre de 2024), y orientado al formato del EDP, en el que participé como ponente y oyente y, por ello, abarcó el contexto que comprende el período comprendido entre los años 2012 y la actualidad. En función de ello, el artículo se dividirá en dos partes inseparables: la primera comprende el contexto histórico que me llevó al desarrollo del Proyecto «Coworking Sandro Inácio», en la EEEM IDH - POA/RS (desde 2019 hasta principios de 2023), ya que imita una praxis que se suma a estas geografías tematizadas y debatidas por/en el EEG —por nosotros, los geógrafos— comprometidos con el desarrollo de RS; y la segunda, que trata sobre el desarrollo de esta praxis en la elección del tema del doctorado, cuyo título provisional es «INTELLECTUALES ORGÁNICOS VERSUS EL BRASIL DISTORSIONADO: por una traducibilidad, desde este lado, del «venir a ser» de un proyecto nacional-popular», en el que estamos investigando la relación entre el papel o la función de los

intelectuales y las «nuevas» formas-contenido responsables de las praxis invertidas del Brasil distorsionado frente a su superación.

Palabras clave: Milton Santos; Antonio Gramsci; Think Tanks Neoliberales; Intelectuales Orgánicos y; Educación de las Masas.

THE TEACHER AND THE GEOGRAPHER AS TRANSLATABILITY, ON THIS SIDE, OF THE ORGANIC INTELLECTUAL.

ABSTRACT: This paper was organized to be presented at the XXXVIII EEG "Debating alternatives to/development in RS: education, environment and territory from geo-graphies", held in Rio Grande (between 27 and 29/09/2024), and guided by the EDP, in which I participated as a presenter and listener, and therefore covered the period from approximately 2012 to the present day. We will therefore divide the article into two inseparable parts: the first understanding the historical context that led me to the development of the "Coworking Sandro Inácio" Project, at EEEM IDH - POA/RS (from 2019 to the beginning of 2023), because it implies a praxis that adds up to those geo-graphies thematized and debated by/in the EEG - by us geographers - committed to the development of RS and; the second, dealing with the unfolding of this praxis in the choice of the theme of Dr. Inácio's research. whose title is "Organic Intellectuals of the national territory: from the distorted country to the r-existences of the 'becoming' of the Brazilian national-popular project, led by the praxis of the unitary school, on this side" in which we are researching the relationship between the role or function of organic intellectuals and the distorted Brazil versus its overcoming.

Keywords: Milton Santos; Antonio Gramsci; Neoliberal Think Tanks; Organic Intellectuals and; Education of the Masses.

Enviado em: 14/12/2024

Aceito em: 23/09/2025